

Pego de surpresa com a doença de Tancredo, o parlamentar maranhense assumiu a Presidência em 1985. Em entrevista, revela bastidores desse momento histórico

U. Dettmar/ABR/16.12.04



SARNEY: O MARANHENSE SÓ TEVE CONSCIÊNCIA ABSOLUTA DE QUE TOMARIA POSSE NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, NO LUGAR DE TANCREDO NEVES, ÀS QUATRO DA MANHÃ DO DIA 15 DE MARÇO DE 1985

A autocrítica de José Sarney

RUDOLFO LAGO
ENVIADO ESPECIAL

São Paulo — “Eu era um presidente fraco politicamente”. Na noite da próxima segunda-feira, véspera do dia em que se completarão vinte anos da sua posse como presidente da República, essa confissão do hoje senador José Sarney (PMDB-AP) irá ao ar, no programa *Roda Viva*, da TV Cultura. A entrevista com Sarney foi gravada ontem à tarde em São Paulo.

O senador, que está concluindo o primeiro volume das suas memórias — que deverá chegar às livrarias até o final do ano — narrou na entrevista que as circunstâncias que o levaram a assumir a Presidência da República marcaram a sua gestão, para o bem e para o mal. Sarney admite-se um estranho no PMDB, nas origens do processo de redemocratização do país e diante das forças que combateram pelos vinte anos anteriores a ditadura militar.

Essas circunstâncias levaram-no a ceder. Talvez mais rápido do que cederia o presidente eleito Tancredo Neves, que adoeceu na véspera da posse e acabou por morrer no dia 21 de abril de 1985. “Eu não tinha alternativa. Eu sabia das minhas limitações. A mim, restava apenas abrir de maneira total o país para a democracia. Tinha de agir desde o início de

modo a que as minhas atitudes não levantassem suspeitas daqueles que desconfiavam de mim”, disse.

Era o que o hoje senador chamou, em seu curto discurso de posse como presidente, ver o país “com os olhos de ontem”. Ou seja, com os olhos de quem virava presidente de surpresa, como consequência de uma tragédia imprevista. Com os olhos de quem, até poucos meses antes, era o presidente do PDS, o partido da situação, que acabaria derrotado por Tancredo. Com os olhos de quem imaginava que teria uma posição de coadjuvante naquele processo.

Legados

Segundo Sarney, sua escolha como vice deu-se apenas porque Tancredo imaginava que ele, por ter sido presidente do PDS, saberia mapear os votos favoráveis que poderiam vir dos delegados governistas no Colégio Eleitoral, no processo de eleição indireta.

O maranhense só teve consciência absoluta de que tomaria posse no lugar de Tancredo às 4h da manhã do dia 15 de março. Segundo ele, a internação de Tancredo fora uma surpresa quase absoluta. Embora os relatos colhidos mais tarde pelo ex-presidente deem hoje a ele a informação de que os médicos já sabiam das condições de saúde de Tancredo — e que ele precisava ser urgentemente operado — desde pelo menos o

dia 10 de março, ele próprio só foi informado dessa situação no dia 14 de março, logo depois de fazer seu discurso de despedida no Senado.

Tão logo deixou a tribuna, Sarney foi abordado pelo médico da Câmara e médico pessoal de Tancredo, Renault de Mattos. Renault pegou-o pelo braço e, imediatamente, Sarney pediu a ele um remédio para pressão arterial. O médico perguntou a ele se a alta na pressão era já porque ele sabia o que estava ocorrendo. “Saber o quê?”, perguntou Sarney. “O Ulysses (Guimarães) não falou com você?”, indagou Renault. Diante da nova negativa de Sarney, o médico contou-lhe, então: “Tancredo está com o abdome agudo. E vai ter de ser operado logo depois que tomar posse.”

Sarney lembrou-se, então, da reunião que tivera na véspera com Tancredo. O presidente eleito tinha as mãos muito frias. E usava um cachecol. Dissera aos presentes que estava com “dor de garganta”, a desculpa que combinara com os médicos para ocultar seu real estado de saúde. Na verdade, ele estava com febre, circunstância da infecção no abdome. Pouco depois de receber a notícia no Senado, Sarney foi para a missa em homenagem a Tancredo na Igreja Dom Bosco, o primeiro momento em que o presidente eleito sentiu-se mal. “Eu resolvi que faria tudo igual a Tancre-

do para não despertar suspeitas”, narrou Sarney. Assim, quando todos os demais ajoelharam-se, ele e Tancredo ficaram de pé. Tancredo porque não suportaria fazer esse movimento. Sarney para parecer que aquela atitude era um gesto natural.

Acerto

Naquela madrugada em que ninguém dormiu, acertou-se que Sarney tomaria posse no lugar do presidente eleito. Era, na concepção de todos os atores envolvidos, a única forma de garantir a continuidade do processo de redemocratização.

Hoje, o primeiro presidente brasileiro após a redemocratização do país reconhece que toda essa situação limitou de certa forma as suas ações. E balizou o seu caminho como presidente. “Houve cinco presidentes na história que foram escolhidos para serem depostos. Arthur Bernardes, que para se manter governou o tempo todo sob estado de sítio, Getúlio Vargas em seu governo eleito, Juscelino Kubitschek, que enfrentou várias tentativas de golpe, João Goulart, que acabou mesmo deposto, e José Sarney”, disse o ex-presidente. De acordo com ele, alguns políticos, mesmo de oposição, chegaram a procurar na época o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, propondo um golpe que o depusesse.

Erros e acertos

A necessidade de demonstrar que seguiria à risca o projeto de redemocratização do país fez com que José Sarney legalizasse rapidamente os partidos comunistas (PCB e PCdoB) e instalasse uma Assembléia Nacional Constituinte totalmente livre e soberana (o projeto inicial de Tancredo Neves era que a Constituinte trabalhasse a partir de um anteprojeto elaborado pelo próprio Executivo).

Mas Sarney fez coisas de que hoje se arrepende. A principal delas: decretar a moratória da dívida externa. “Aquele foi uma decisão errada. Havia uma certa pressão política. E, depois, todos os que pregavam aquilo me deixaram sozinho.”

Outra decisão errada: o prolongamento do congelamento de preços durante o Plano Cruzado e, depois, os ajustes no Cruzado II. “Se hoje me dessem como opções fazer o Cruzado II ou cortar a minha mão, eu cortava minha mão”, afirmou o ex-presidente da República.

Consolidação

Após o Cruzado II, a inflação descontrolou-se e acabou por chegar ao final do seu governo batendo o patamar de 80% ao mês. Para Sarney, porém, o que fica de legado de seu governo foi justamente a garantia de consolidação do processo democrático.

Na avaliação do hoje senador, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, um operário, alguém distante das elites do país, oriundo justamente dos movimentos que combateram a ditadura militar, encerra o ciclo da redemocratização, que se abriu com ele há vinte anos. Agora, avalia, o país começa a ingressar em um período de democracia plena e consolidada. Enquanto isso, Sarney, eleito pelo Amapá, luta dentro do PMDB para trazer o partido coeso à base aliada